mei studies

UFJF Universidade Federal de Juiz de Fora

PPGCOM Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF

DO FEED AO TRIBUNAL:

ALGORITMOS, TRUE CRIME E O JULGAMENTO COLETIVO DO CASO RICHTHOFEN NAS REDES SOCIAIS



MARIANA ALMEIDA
ILUSKA COUTINHO

njá núcleo de jornalismo e audiovisual

PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

POR QUE ESTUDAR O TRUE CRIME?

- Crescimento das narrativas de crimes reais no **streaming**;
- Forte circulação no imaginário social contemporâneo;
- Expansão de **documentários** e **dramatizações** criminais.

PROBLEMA

Como a mediação algorítmica e a lógica de plataformas digitais transformam a circulação do gênero ***True Crime***, convertendo produções sobre crimes em espetáculos permanentes e arenas de julgamento coletivo?

OBJETIVO GERAL

Analisar as dinâmicas de circulação e recepção das narrativas digitais do **caso Richthofen** no YouTube, TikTok e Instagram.



ARTICULAÇÃO CONCEITUAL

MULTIDISCIPLINAR

Plataformização	**Wandick (2018)**	As plataformas não são neutras; constituem infraestruturas sociotécnicas e econômicas que determinam regas de visibilidade e definem quais narrativas ganham relevância pública.
Curadoria algorítmica	**Bucher (2018)**	Algoritmos atuam como "curadores invisíveis". Através de lógicas automatizadas, privilegiam momentos de emoção, choque ou contradição no feed da audiência.
Sociedade do espetáculo	**Debord (1997) Coutinho (2017)**	A realidade é mediada por imagens substitutivas. A estetização do horror transforma a violência criminal em produto de entretenimento, oscilando entre fascínio e repúdio.
Memória e prolongamento	**Winques (2020) Sodré (2014)**	Ao serem recortados e compartilhados, conteúdos antigos ganham novos sentidos ("ciência do comum"), construindo e reatualizando perpetuamente a memória coletiva.





"WOUND CULTURE"

E O IMPULSO DA CIRCULAÇÃO

A “cultura da ferida” (Mark Seltzer, 1998):

Fenômeno caracterizado pelo **fascínio público** pela representação traumática da violência. Nas redes, o choque não afasta a audiência, converte-se no **motor do engajamento**.

A lógica de recomendação automatizada:

Métricas internas privilegiam **títulos provocativos**, miniaturas apelativas e **recortes de maior comoção**. O algoritmo transforma o crime em um **objeto perfeitamente otimizado para retenção**.

DESENHO AMOSTRAL E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Pesquisa qualitativa documental de observação em plataformas digitais, considerando quatro vetores analíticos principais:

ENGAJAMENTO	RECORTE NARRATIVO	RECEPÇÃO MORAL	CIRCULAÇÃO
Seleção de conteúdos com alto volume de visualizações, curtidas e comentários que demonstram tração algorítmica.	Foco em vídeos curtos e edições aceleradas que contrapõem depoimentos reais a cenas ficcionais (filmes e séries).	Análise das respostas do público nos comentários (enunciados de condenação, relativização e estigmatização).	Mapeamento de como o conteúdo é distribuído e reativado em diferentes arquiteturas de plataforma.

ESTUDO DE CASO:

ESPECIFICIDADES DAS MÍDIAS

YouTube:

- **Objeto: Canal Crimes S/A** (2023) - *"Por que Suzane Von Richthofen se tornou uma celebridade?"* com Ulisses Campbell.
- **Dinâmica:** formato longo com thumbnail apelativa e título provocativo. Funciona sob recomendação contínua de vídeos relacionados.

Tik Tok:

- **Objeto: p**erfil **@opovoonline** (2021) - Série *"A hora do crime"*.
- **Dinâmica:** vídeos curtos com legendas dinâmicas e frases de impacto. O algoritmo acelera a viralização através da repetição e compartilhamento em massa.

Instagram:

- **Objeto:** @crimesdobrasil e @avictoriareal (2024) - Reels sobre *depoimentos reais e lançamento da série Tremembé.*
- **Dinâmica:** áudios originais para dar tom de "autenticidade". Uso de hashtags e apelo à vida privada atual dos envolvidos (maternidade/família).

A AUDIÊNCIA COMO TRIBUNAL SIMBÓLICO

1. ENUNCIADOS DE CONDENAÇÃO INQUESTIONÁVEL

"Ela é uma atriz", "Monstro frio e calculista", "Ela quer fama"

Rejeição categórica baseada na análise da linguagem corporal e expressões em vídeos da época do julgamento.

2. TENTATIVAS DE RELATIVIZAÇÃO PARCIAL

"Ela foi manipulada pelo namorado", "O sistema carcerário falha"

Transferência simbólica de responsabilidade ou crítica institucional gerando disputas no campo dos comentários.

3. JULGAMENTO DA VIDA PRIVADA ATUAL

"Ela errou muito e não merece recomeçar", "Como ela cuida do filho?"

O passado criminal opera como chave de leitura moral permanente para qualquer ação no presente.





RECONTEXTUALIZAÇÃO E A MEMÓRIA REATIVADA

SOBREVIVÊNCIA TEMPORAL

Como preconiza Winques (2020), ao serem recortados e redistribuídos, os conteúdos criminais **não apenas sobrevivem no tempo**, mas ganham **novos sentidos** a cada **recontextualização no feed**.

CONSTRUÇÃO DE VERDADES

A repetição de edições contrapondo a versão ficcional dos filmes com os depoimentos reais cria uma **ilusão de acesso à "verdade psicológica" dos personagens do crime**.

A "CIÊNCIA DO COMUM"

Segundo Sodré (2014), o compartilhamento torna o espetáculo uma **experiência compartilhada**. O julgamento público converte-se em base de sociabilidade e **reafirmação de normas morais**.

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES COMUNICACIONAIS

SÍNTESE DO ESTUDO

O *True crime* na era da plataformização consolida-se como um ecossistema indissociável entre a **visibilidade algorítmica**, a **memória social reativada** e a criação de fóruns de **linchamento simbólico**.

A permanência do caso Richthofen no imaginário público deve-se à capacidade das plataformas de rentabilizar e operacionalizar o **apelo emocional da violência**.

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES COMUNICACIONAIS

ALERTAS E RISCOS IDENTIFICADOS

- **Ausência de mediação:** julgamentos informais ocorrem sem regulação editorial ou garantia do contraditório.
- **Banalização da violência:** transformação do sofrimento real em mercadoria e entretenimento contínuo.
- **Linchamento público:** riscos permanentes de estigmatização perpetuada pelos algoritmos de recomendação.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS CITADAS

• Bucher, T. (2018). If... then: Algorithmic power and politics. Oxford University Press.

• Coutinho, I. (2017). Narrativas jornalísticas e a estetização da violência: entre o horror e o espetáculo. Comunicação & Informação, 20(1), 83-95.

• Debord, G. (1997). A sociedade do espetáculo. Contraponto.

• Halbwachs, M. (1990). A memória coletiva. Vértice.

• Seltzer, M. (1998). Serial killers: Death and life in America's wound culture. Routledge.

• Sodré, M. (2014). A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Vozes.

• Van Dijck, J., Poell, T., & De Waal, M. (2018). The platform society: Public values in a connective world. Oxford University Press.

• Winques, K. (2020). Circulação e memória no jornalismo: um estudo sobre narrativas em plataformas digitais. Sulina.

MARIANA ALMEIDA
MARIANAE.SILVA@ESTUDANTE.UFJF.BR

OBRIGADA!

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UFJF

núcleo de jornalismo e audiovisual

mei studies